

## História e contagem dos sobreviventes

Povos Indígenas no Brasil, volume 5, Javari. São Paulo, CEDI, 1981, 153 pp.

O volume 5 da coleção Povos Indígenas no Brasil é como o cartão de apresentação dum movimento de pesquisa da realidade indígena, que se vem processando desde 1978. A intenção e proposta da obra, os objetivos e alcances que se esperavam, foram-nos explicados repetidas vezes pela equipe de coordenação, mas ficavam sempre, na sombra, dúvidas, receios e um ceticismo sobre a realização concreta de um plano que parecia ambicioso demais.

Um dos principais valores deste volume é mostrar concretamente como funciona o paradigma ou modelo tomado como padrão. Este aspecto formal é importante, porque estrutura os conteúdos e relaciona as informações conforme os objetivos que podem ser considerados originais. A realidade indígena é hoje uma situação de contato. Esta situação tem uma história de maior ou menor profundidade temporal, conforme os povos, mas é também um presente que já condiciona os projetos e problemas do futuro.

A importância dada aos aspectos históricos faz com que a obra possa, por sua vez, ser instrumento de história para os povos indígenas, com vistas a se situarem no presente real e num futuro em parte previsível. Sem negar a especificidade cultural e sistemática de cada povo, é, porém, a relação histórica o fator decisivo da situação indígena atual. Que a introdução do volume seja especificamente histórica, marcando e definindo os períodos, em termos, sobretudo, de história econômica, é uma indicação do paradigma antropológico que comanda a obra. De fato, localização do povo, população, modo de vida, formas de tutela e assistência e a situação atual das terras, mesmo o nome e a língua destes povos, estão diretamente ligados, ao menos para nós, à história do contato e sua correta periodização.

Inclusive o conhecimento mais diretamente etnográfico de cada povo está tão ligado e determinado pela história do contato, que eu proporia que o item "Histórico do contato" fosse o primeiro de cada capítulo dedicado a um povo ou grupo diferente. Pode-se observar já, neste volume, como a amplitude e densidade dos dados depende diretamente do processo e modo do contato. Quem fez os primeiros contatos? Quem os manteve e os mantém até agora?

O paradigma formal deste volume, provavelmente, vai ser seguido pelos outros. Isto permitirá uma grande flexibilidade e a neutralidade no iratamento de cada capítulo. Deste modo, as informações existentes no momento vão se impor sobre esquemas e teorias prévias. É claro que sempre se depende da teoria e da ideologia do informante, seja índio, missionário, comerciante ou antropólogo que esteve e talvez ainda esteja em contato com aquela realidade; mas isso faz parte da praxis do contato e é interno a ele, e é um dado que deve constar claramente.

A obra não se envergonha de ter uma finalidade instrumental na ação indígena. Neste sentido, tanto os itens selecionados, como as informações fornecidas, pretendem servir à causa indígena, e deveriam ser usadas para esse fim. O uso é que vai testar, por sua vez, a validade da informação e dizer se os dados foram simples recursos ideológicos ou, pelo contrário, documentos do real.

Este volume de Povos Indígenas no Brasil permite também estabelecer o contraste com as etnografias chamadas acadêmicas, onde geralmente a preocupação sincrônica pela descrição da tribo em si, acaba por isolá-la nos estreitos limites dum tempo sem história, como se isso fosse possível. Outro contraste significativo diz respeito àquele tratamento do problema do índio desde perspectivas ideológicas, que, à falta de dados concretos, verbaliza denúncias inverificáveis e utopias inaplicáveis.

Nos Boletins que a equipe do "levantamento" está publicando, pôde-se perceber como é grande a preocupação pela veracidade concreta de cada afirmação, o que mostra também o interesse por uma ação indígena e indigenista real e realista. Nestes Boletins, porém, estão se insinuando também tendências antropológicas que trabalham com esquemas mais indutivos que dedutivos, e que, a meu modo de ver, trazem consigo o perigo de ideologização da realidade indígena, bem antes de ela ser descrita.

O legítimo desejo de melhorar o levantamento e a discussão aberta sobre metodologia de trabalho não deveriam modificar as formas fundamentais que este primeiro volume da série estabeleceu.

Manter-se fiel à qualidade deste primeiro produto é talvez o maior desafio para o futuro de Povos Indígenas do Brasil.

BARTOMEU MELIA (Missão Anchieta, MT)